

Análise dos posicionamentos percebidos em narrativas sobre vacinação e saúde coletiva no *Twitter* entre os anos de 2020 e 2023¹

Victoria Lyrio FERRO²
Luara Gagliardi Menduni CAMILO³
Fábio MALINI⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Diante da pandemia de Covid-19 e considerando as medidas preventivas necessárias para evitar a proliferação da doença, foi possível observar a migração em massa da sociedade global para o ambiente virtual, que tornou-se o principal meio de comunicação, fonte de informação e de expressão de opinião entre as pessoas, que se manteve mesmo após o fim da pandemia. Desse modo, a proposta de compreender os posicionamentos dos usuários das mídias digitais sobre as vacinas dentro do cenário pandêmico será realizada por meio de uma análise de dados retirados da plataforma do *Twitter* durante os anos de 2020 a 2023, que será ligada à perspectiva de polarização política em seu contexto histórico e social.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Redes sociais; Covid-19; *Twitter*; Polarização.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Pang e Lee (2008), compreender a opinião e os sentimentos das pessoas expressados na internet sempre foi um interesse, tanto das instituições públicas quanto privadas. Tal interesse se manifesta pela necessidade dessas organizações de terem a confirmação se as atitudes tomadas por elas serão bem aceitas ou não pelo público-alvo que se busca alcançar. Na perspectiva de Liu (2012), os indivíduos baseiam suas escolhas a partir da opinião de outras pessoas. Na perspectiva da sociologia clássica, especialmente no pensamento de Durkheim (2011), o elemento estabelecido numa sociedade que faz com que os indivíduos ajam de maneira similar ou padronizada é a coerção social, ou seja, a iminência de serem rejeitados e excluídos pela sociedade

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 8º semestre do curso de Ciências Sociais – Bacharelado da Universidade Federal do Espírito Santo, e-mail: victoria.ferro@edu.ufes.br

³ Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo, email: luara.camilo@edu.ufes.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor Associado IV no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o LABIC/Ufes e é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFES. e-mail: fabiomalini@gmail.com

caso ajam de maneira diferente dos demais. Dessa maneira, trazer fatos sociais – formas de agir, pensar e sentir – a um debate contemporâneo que englobe tais plataformas como ferramentas de socialização exige a compreensão de que os dispositivos digitais de interação ocupam uma posição central nas relações neste século, seja como um espaço de conversação, seja como uma fonte de informação.

Compreender os sentimentos, opiniões e posicionamentos manifestados por meio das redes sociais como ferramenta de estudo dentro do campo da Ciências Sociais cresceu de forma significativa a partir da consolidação das plataformas de mídia sociais, naquilo que se convencionou a chamar de “Web 2.0” (O’REILLY, 2005), que ampliou a divulgação da opinião pessoal e de outros modos de fluxo informacional e conversacional em escala global.

Pensar no uso das mídias sociais no cotidiano já era uma realidade antes da pandemia de Covid-19, porém, com seu início oficial no ano de 2020, foi possível observar um aumento no número de usuários dessas redes. Para Bezerra e Gibertoni (2021, p. 146), “um dos maiores motivadores no aumento do número de usuários nas mídias sociais é a maior permanência em domicílio, considerando que uma das medidas de segurança proposta por especialistas é o isolamento social durante a pandemia [...]”. A continuidade das atividades cotidianas diante de um cenário de calamidade pública em nível global fez com que as pessoas, por necessidade, adotassem as plataformas digitais como meios de entretenimento, fonte de informação, fonte de renda e instrumento de comunicação.

“Durante muito tempo difundiu-se a visão de que o tempo de uso nas mídias sociais é um tempo mal investido, uma atividade tida como infrutífera ou de baixa prioridade, porém, com a pandemia, essa percepção negativa em relação às mídias sociais tornou-se diluída, já que todas as relações sociais e intercomunicantes receberam um novo palco de atuação, esse é o digital, logo as mídias sociais se tornaram uma realidade para muitos que escolheram se afastar delas ou que nunca tiveram contato.” (BEZERRA; GIBERTONI, 2021, p. 148)

De acordo com o Relatório Digital de Visão Global (DATAREPORTAL, 2021 apud BEZERRA; GIBERTONI, 2021), o número de usuários das plataformas de mídia social aumentou em mais de 13% se comparado com o ano de 2020, contemplando um

total de mais de meio bilhão de novos usuários plataformizados. Esse número representa uma soma de 4,2 bilhões de usuários ao redor do globo, que em termos percentuais, corresponde à metade do mundo atual. Diante do aumento significativo do processo de plataformização – ou seja, do número de pessoas adeptas às plataformas digitais – foi possível observar fenômenos decorrentes do uso das mídias sociais.

2. INFODEMIA: UM FENÔMENO DECORRENTE DO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS

O estudo de Malini et al. (2020) sobre medo e infodemia constatou que as narrativas presentes nas redes sociais são capazes de moldar comportamentos coletivos e individuais. “É, portanto, analisando as variações discursivas no tempo que se é possível cravar os diferentes enquadramentos temáticos que oscilam nas opiniões e conversações públicas das redes sociais” (MALINI et al., p. 4, 2020).

Para Guimarães, Aleixo e Costa (2020, p.5) “cada indivíduo constrói sua subjetividade de acordo com as experiências e de forma com a que compreende, então de fato o ser humano é constituído a partir de sua realidade social e individual”. Dessa maneira, a experiência adquirida por meio do uso das redes sociais, somada às vivências do cotidiano externo do indivíduo, contribui para a formação de opiniões e comportamentos na vida social concreta. Essas influências se mostram tanto na individualidade do ser, quanto coletivamente, visto que a identificação e o pertencimento são os fatores determinantes para a formação da coletividade – do sentimento de grupo. “O pertencimento sempre foi extremamente importante para a raça humana como espécie e isso se dá pelos instintos de agrupamento social, não sendo diferente com as mídias sociais” (BEZERRA; GIBERTONI, p. 145, 2021).

Com o marco histórico da pandemia de Covid-19 observada a partir do ano de 2020 ao redor do mundo, que se estendeu oficialmente até o ano de 2023, as redes sociais passaram a ser o principal instrumento de interação entre as pessoas diante do isolamento social necessário para a contenção do vírus e proteção populacional, aumentando ainda mais o uso dessas ferramentas digitais no cotidiano das pessoas. Bachur (2021) considera que durante a pandemia o uso de tecnologias de mídia digital

foi exatamente o que possibilitou a continuidade de atividades cotidianas, como a economia, a educação e o trabalho. Porém, ao mesmo tempo em que houve essa facilidade em tocar a vida, mesmo que de maneiras alternativas, o uso excessivo das redes sociais provocou alterações permanentes e profundas nos modelos de sociabilidade.

Diante da hipótese de que as causas principais da desinformação em relação à pandemia e às vacinas estão atreladas à incerteza informacional, as narrativas analisadas mostram que a linguagem adotada durante o período pandêmico para comunicar as pessoas quanto à propagação do vírus e formas de profilaxia direcionam os interlocutores a sentimentos de medo e urgência, culminando em processos de desinformação (MALINI et al., 2020).

3. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Diante do cenário descrito, o artigo traz a seguinte questão: o “posicionamento” político online contribui de quais maneiras na fabricação da desinformação vacinal?

Para dar conta de parte desse problema, este artigo tem por objetivo geral analisar os posicionamentos contidos nas publicações de usuários brasileiros anti-vacina e pró-vacina no *Twitter*, tendo como recorte temporal o período datado entre 10 de Outubro de 2020 a 7 de Março de 2023, correspondendo a 5.618.068 tuítes que contém o termo ‘vacina’. Essa base de dados foi extraída pelo Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC/UFES).

Do ponto de vista metodológico, dividimos o trabalho em seis etapas. Na extração, 5.618.068 *tweets* foram coletados diretamente da API do *Twitter*, utilizando para isso o *software Ford/Labic*. Na etapa seguinte, a de Mineração de Dados, filtramos os 1.665 *posts* mais replicados (os chamados *virais*) pelos 3.812.605 usuários participantes dessa base de dados. Na terceira etapa, rotulamos cada um desses *tweets*, separando-os em Pró-Vacina, Anti-Vacina e Outros (que correspondem aos tweets relativos a notícias e memes). Na quarta etapa, detectamos entre os temas mais populares de cada um desses posicionamentos. Isso foi feito a partir da contagem dos termos mais frequentes nos virais pró e anti-vacina. Em seguida, fizemos a visualização de gráficos para demonstrar quais desses posicionamentos possuem mais capacidade de difusão

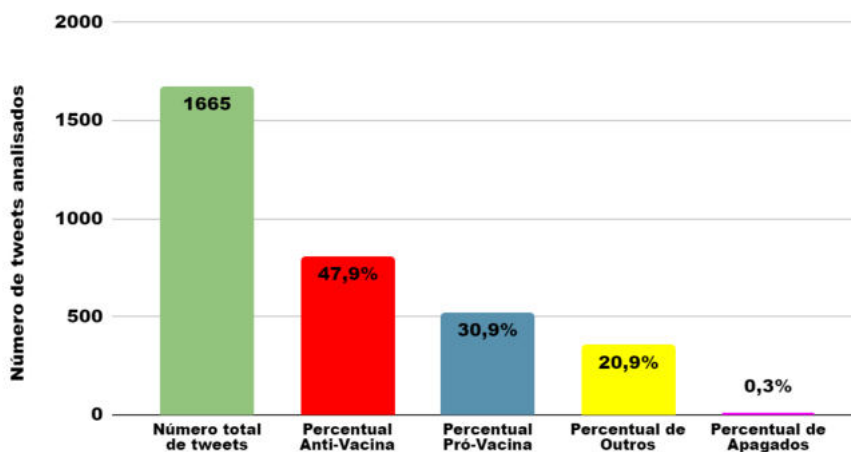
online e quais temáticas tornam-se mais virais em cada um desses pólos no *Twitter*. Por fim, a última etapa contou com a análise dos resultados, combinada com uma revisão bibliográfica sobre polarização, que possui enfoque no aparecimento desse fenômeno na plataforma digital de socialização estudada diante do advento da pandemia de Covid-19.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Distribuição percentual de *tweets* por posicionamento

Os resultados preliminares, visualizados no gráfico percentual de posicionamentos da amostra analisada, apontam que dentre os 1.665 *tweets* estudados na realização da pesquisa, a predominância se evidencia em prol dos discursos “Anti-Vacina”.

Figura 1 - Percentual da predominância de cada tipo de posicionamento nos discursos sobre temática vacinal no *Twitter*



Fonte: LABIC/UFES.

Dentro da cartografia realizada, a Figura 1 mostra que cerca de 798 *tweets* tratam-se de discursos contra as vacinas e contém a presença de desinformação sobre questões relativas à saúde coletiva e imunização, representando 47,9% do total de postagens analisadas. Outro destaque percebido no estudo foi o alto percentual de “Outros” dentro do *dataset*, categoria criada para diferenciar as postagens que não possuem posicionamentos explícitos em seu conteúdo, mas que se encaixam nas

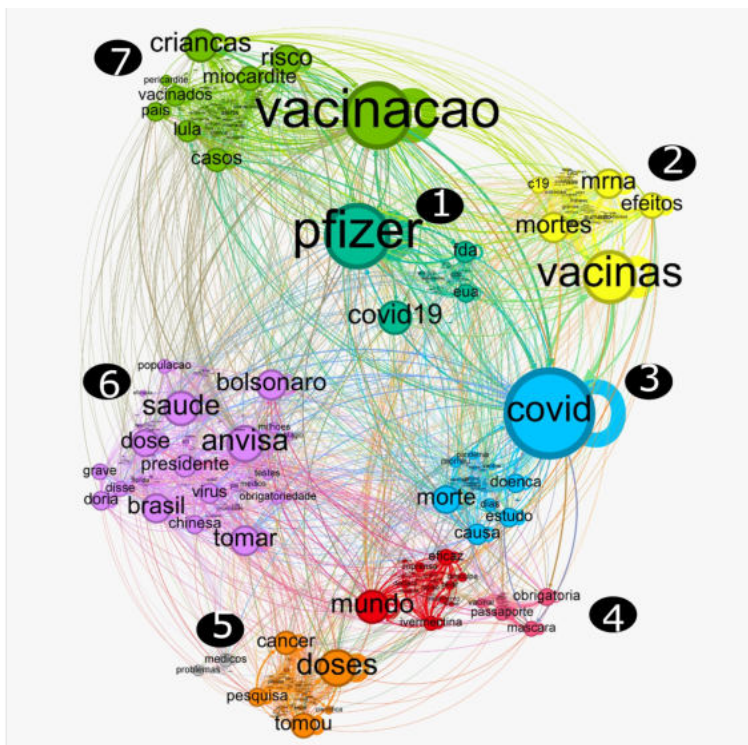
narrativas sobre vacinação. Esse percentual, que conta com o total 348 *tweets* rotulados nessa categoria, pode ser explicado pelo período eleitoral do ano de 2022, cujos debates entre os candidatos à presidência da república foram amplamente noticiados e comentados no *Twitter*, incluindo detalhes e transcrições literais de falas dos candidatos em relação à pandemia de Covid-19 e seus desdobramentos para a sociedade brasileira e mundial.

Ainda foi possível observar a exclusão de 5 *tweets* pela própria plataforma do *Twitter* devido à violação da política de uso da rede social em relação à propagação de notícias falsas e desinformação, que representam 0,3% das postagens estudadas e estão categorizados pelo rótulo “Apagados”.

4.2. Viralidade dos discursos sobre vacina no *Twitter*

Referente aos assuntos de maior viralidade, os resultados mostram que o tema que ganhou maior propagação entre os usuários anti-vacina foi a insegurança atribuída à vacina da fabricante Pfizer, que pode ser visualizado no *word graph*, contemplado na Figura 2, como um dos termos mais utilizados nos discursos contra as vacinas, representado no centro do *cluster* 1. Junto com “Pfizer”, que apareceu 106 vezes nos discursos anti-vacina, mais quatro termos se destacaram como os principais, sendo eles, em ordem decrescente de número de aparições: ANVISA (59 aparições), mRNA (33 aparições), Miocardite (28 aparições) e VaChina (24 aparições).

Figura 2 - *Clusters* de palavras dos discursos Anti-Vacina



Fonte: LABIC/UFES.

Os usuários anti-vacina associam a vacina da Pfizer a comorbidades e morte de pessoas que se imunizaram com ela, criando uma narrativa de medo e hesitação vacinal. O grafo mostra também que esses atores qualificam seus posicionamentos por meio da divulgação de estudos pseudo-científicos extraídos de sites estadunidenses, que apontam o órgão FDA (*Food and Drug Administration*), situado no estado da Flórida, como referência em estudos sobre os supostos males das vacinas, especialmente a da Pfizer.

MAIA, F. C. (@femaia2515). “AGORA A CULPA É DE QUEM? QUEM É O GENOCIDA? Criador da Vacina da Pfizer, Robert Malone, assume publicamente para o mundo, que AS VACINAS ESTAVAM EM TESTE E QUE NÃO FUNCIONAM e que as milhares de mortes causadas e efeitos colaterais malefícios, por si já respondem.” 16 Nov. 2022, 6:35 pm. *Tweet*. Disponível em: <https://twitter.com/femaia2515/status/1592994912680964096>

MICHELIN, K. (@karinamichelin) “Pela primeira vez, as autoridades de saúde dos EUA falam da possibilidade de uma ligação entre a vacina Covid da Pfizer e o AVC. Eles o fazem por meio de um comunicado de imprensa assinado pelo CDC e pela FDA.” 16 Jan. 2023, 9:31 pm. *Tweet*. Disponível em: <https://twitter.com/karinamichelin/status/1615144641258553347>

No *cluster 2* outra vertente discursiva foi percebida em relação à composição das vacinas e seus efeitos adversos, que são apontados como capazes de alterar a genética dos vacinados e causar mortes a partir da presença de mRNA na composição do imunizante.

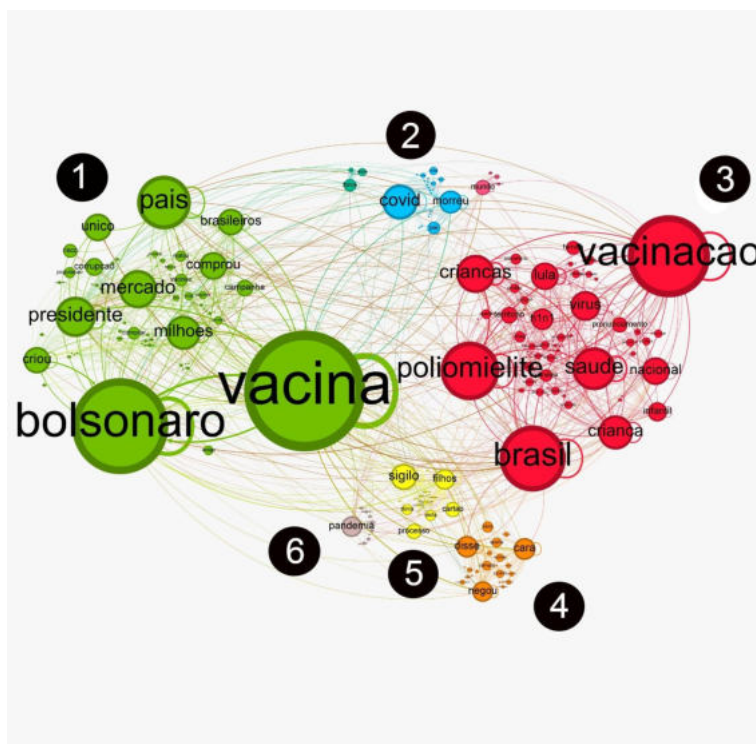
ZANOTTO, P. (@epimeme). “Governo da Flórida inicia oficialmente investigação sobre Pfizer na Suprema Corte do Estado sobre corrupção, mentiras sobre vacina e danos à saúde. Parlamento Inglês questiona o desempenho catastrófico das vacinas de mRNA no UK. Lula: “quem critica vacinas deve se desculpar”” 14 Dez. 2022, 8:46 am. *Tweet*. Disponível em: <https://twitter.com/epimeme/status/1602993462537854978>

No *cluster 3* o destaque para os termos ‘Covid’, ‘morte’, ‘doença’, ‘causa’ e ‘estudo’ surgem em referência a discursos anti-vacina, sugerindo que instituições estrangeiras de pesquisa desenvolveram estudos sobre as vacinas contra a Covid-19 e que foram descobertas comorbidades causadas pelos imunizantes.

BARROS, R. (@renatogbbr) “ESTUDO ISRAELENSE LIGA VACINAS CONTRA COVID A AUMENTO DE 25% NOS CASOS DE PARADA CARDÍACA. Um novo estudo perturbador conduzido por pesquisadores israelenses e publicado na Nature demonstrou um aumento de mais de 25% nas chamadas de emergência relacionadas a doenças.” 4 Jun. 2022, 4:20 pm. *Tweet*. Disponível em: <https://twitter.com/renatogbbr/status/1533166790901125121>

Em relação aos usuários que se posicionaram como pró-vacina, os resultados mostram que os discursos que mais ganharam viralidade dentro desse grupo foram relativos a exposições sobre o cenário pandêmico do Brasil, bem como questões de ordem política que envolviam o decorrer da saúde pública no país. O *word graph* representado na Figura 3 demonstra o direcionamento das principais narrativas utilizadas pelos usuários pró-vacina.

Figura 3 - *Clusters* de palavras dos discursos Pró-Vacina



Fonte: LABIC/UFES.

O *cluster* 1 evidencia a predominância das palavras: Vacina, Bolsonaro, País, Mercado, Presidente, Comprou e Milhões. Diante disso, foi possível compreender que a força discursiva pró-vacina se concentrou em determinar que a baixa adesão vacinal, acompanhada por 700 mil mortes no Brasil, foi uma consequência direta da política de saúde coletiva do governo do ex-presidente, Jair Bolsonaro.

HILTON, E. (@erikahilton) “Uma nova onda de covid, mais transmissível, em franco crescimento. Bolsonaro AINDA não comprou a vacina de segunda geração. Sobre isso, pouco se fala na mídia, e não incomoda os donos do "mercado". Irônico, trágico e indignante, tudo ao mesmo tempo.” 16 Nov. 2022, 11:00 am. *Tweet*. Disponível em: <https://twitter.com/ErikakHilton/status/1592880409217466370>

O *cluster* 2 aparece em menor destaque dentro do grafo, porém, a presença de palavras como ‘covid’, ‘morreu’ e ‘pai’ evidenciam relatos e experiências dos usuários em relação à pandemia, demonstrando a manifestação de sentimentos na plataforma como justificativa de seus posicionamentos.

RODRIGUES, R. (@randolfeap) “Pergunto ao Sr. Augusto Aras: como se arquiva a dor de um filho que perdeu um pai porque Bolsonaro mandou usar cloroquina? Como se arquiva a dor de uma

mãe que perdeu um filho porque o governo não comprou vacina? Pergunto ainda: onde o Sr arquivou a sua consciência?” 25 Jul. 2022, 7:53 pm. *Tweet.* Disponível em: <https://twitter.com/randolfeap/status/1551702287134953472>

No *cluster* 3 é possível observar um aglomerado de palavras (Vacinação, Poliomielite, Crianças, Brasil e Saúde) utilizadas pelos usuários pró-vacina, direcionadas a expor os desdobramentos causados pela baixa adesão vacinal, como a volta de doenças que, até então, eram consideradas extintas no Brasil.

ADNET, M. (@marceloadnet) “Governo negacionista não reeleito passando vergonha na queda da vacinação. A poliomielite voltou.” 6 Nov. 2022, 8:47 pm. *Tweet.* Disponível em: <https://twitter.com/MarceloAdnet/status/1589404213343571969>

Foi observado que, além de expor a situação da saúde pública no Brasil, o grupo pró-vacina buscou reforçar a necessidade da vacinação e os benefícios da imunização. O uso constante de palavras de ordem, como “use máscara”, “vacine-se”, “viva à ciência” aparecem de maneira central nos discursos desse grupo. Um exemplo da viralidade dessas narrativas é representado no número absoluto de aparições de termos que induzem à ideia do incentivo, que em ordem decrescente de repetições, são: Dose (47 aparições), Vírus (33 aparições), Máscara (26 aparições) e Ciência (18 aparições). Tais termos encontram-se em postagens de reforço à vacinação e às medidas de prevenção à doença, que surgem como uma contrapartida aos discursos anti-vacina, em uma tentativa de desmistificação de potenciais notícias falsas, desinformações ou teorias das conspiração acerca dos imunizantes.

Os paradigmas entre os discursos anti-vacina e pró-vacina podem ser observados por diferenças discursivas e organizacionais. Os usuários anti-vacina apostam em artifícios que direcionam o interlocutor ao medo, apreensão e desconfiança por meio do uso de termos específicos, matérias, relatos e sites para consolidar seus discursos, além de se organizarem em grupos de interação sobre a temática vacinal. Já os usuários pró-vacina travam uma luta para desmistificar os principais temas da desinformação ao trazerem informações de fontes confiáveis, porém, muitas vezes embargadas por barreiras como o *PayWall*. Além de não possuírem uma rede de compartilhamento organizada, os usuários pró-vacina utilizam termos gerais e corriqueiros para se

referirem à vacinação, não possuindo uma identidade discursiva tão marcante quanto a dos usuários anti-vacina.

4.3. Polarização política e sua relação com a hesitação vacinal

Os processos de desinformação que culminam no fenômeno social da hesitação vacinal, além de serem fruto direto de notícias falsas, são também impactados por dinâmicas políticas próprias do seu tempo, em especial a polarização afetiva, que intensificada na última década no Brasil, transformou-se, para grandes grupos populacionais, em um fundamento para se “ter um posicionamento” sobre o que consumir, opinar e adotar como práticas que as tornem informadas sobre assuntos que as conduzem a comportamento saudáveis. É bom dizer também que a polarização política é um fenômeno que se modifica constantemente – podendo se intensificar ou suavizar – de acordo com mudanças temporais e dinâmicas de uma sociedade (BELLO, 2023).

Desde o ano de 2016, período em que ocorreram as eleições mais polêmicas dos Estados Unidos, cujo candidato favorito – e que levou a presidência por decisão popular – era o bilionário Donald Trump, a plataforma digital do *Twitter* foi observada como a principal ferramenta de campanha do, agora, ex-presidente do país. Um fator que chamou a atenção durante o período eleitoral foi a forte disseminação de notícias falsas a respeito da rival de Trump, Hillary Clinton, por meio das redes sociais.

De acordo com a jornalista e colunista de política internacional do jornal espanhol *El País*, Amanda Mars, a disseminação de desinformação a respeito de Clinton foi um fator crucial para a vitória de Trump. Desde então, as *fake news* ganharam um grande destaque nas redes sociais enquanto ferramentas do jogo político. A limitação de 140 caracteres para expressar uma opinião tornaram o *Twitter* um palco perfeito para o grande alcance das postagens que são realizadas na plataforma (NASCIMENTO; OSIEK; XEXÉO, 2015), conseqüentemente construindo um ambiente propício para a infodemia. O fato das postagens serem curtas e diretas facilita ao usuário da rede social a absorção do que foi lido e, como desdobramento, a formular uma opinião com base naquele discurso, sem a preocupação em buscar a fonte ou veracidade da informação que foi recebida.

Pensando nessa perspectiva diante da pandemia de Covid-19, foi possível observar um movimento de importação cultural, advindo dos Estados Unidos para o Brasil em relação às vacinas. Em meados dos anos 1980 até o início dos anos 2000, a comunicação social foi capaz de criar e sustentar um personagem que foi visto como sinônimo de vacina no imaginário coletivo brasileiro – o Zé Gotinha –, representado por um personagem forte, com super poderes e ilustrando para a população a necessidade da vacinação como algo benéfico para a saúde (ROCHA, 2003). As campanhas de vacinação brasileiras tornaram o Brasil uma vitrine vacinal para o resto do mundo, englobando tal “orgulho” em possuir um sistema de saúde coletiva eficaz, público e de qualidade como parte inerente à cultura do país.

Os fluxos culturais entre países é algo que, com a globalização, ocorre de maneira veloz e com o encurtamento de barreiras e distâncias. Pensando nisso, a importação de ideologias e movimentos sociais surgidos em determinadas localidades atravessa as fronteiras com a ajuda das redes sociais, que surgem como um espaço único de união de pessoas dos mais diversos lugares ao redor do mundo em um único “território” comum – o ambiente virtual (PANG; LEE, 2008).

Considerando as noções de importação cultural e saúde coletiva, foi possível observar uma mudança de comportamento nos ideais do indivíduo brasileiro a partir do ano de 2015, – ano em que Donald Trump anunciou sua candidatura para o cargo de presidente dos Estados Unidos a ser disputada em 2016 – que passou a adotar as formas de expressão política observadas ao norte do globo. Isso se tornou ainda mais evidente após o ex-presidente Jair Bolsonaro, ainda como potencial candidato na época, se mostrar simpático às ideias de Trump, tratando-o como uma espécie de guru.

A mescla da ideologia estadunidense nas influências da política brasileira apresentaram, a partir de então, um crescimento exponencial, que pôde ser observado nas redes sociais, tanto na emissão de opiniões cada vez mais similares entre os indivíduos da extrema-direita de ambos os países, quanto nos métodos de manobra política para alcançar o almejado – a vitória de seus candidatos – por meio da utilização

de redes sociais como ferramenta, mesmo que isso significasse mentir e propagar tais notícias falsas para atingir os adversários.

O movimento antivacina dos Estados Unidos ganhou força no início dos anos 1980, tendo como ponto de partida um documentário pseudo-científico que associou danos cerebrais em crianças após a imunização com a vacina tríplice viral. Mais tarde, em 1998, um documentário realizado por um suposto cientista associou a mesma vacina citada anteriormente a casos de autismo em crianças. Tais documentários e estudos foram noticiados em diversos canais de comunicação em suas respectivas épocas, fortalecendo o movimento antivacina – que antes possuía um caráter cristão anti-indústria farmacêutica e, a partir disso, agregou os naturalistas como membros do grupo.

Com a pandemia de Covid-19 a partir do ano de 2020 e considerando as influências da sociedade estadunidense no comportamento brasileiro desde o período pré-eleitoral de 2018, a vacinação, que antes era vista pela população brasileira como um orgulho nacional, tornou-se alvo de desconfianças por parte de indivíduos de extrema-direita, tendo esse pensamento sido reforçado pelo então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. Nas redes sociais, foi possível observar uma quantidade massiva de postagens e narrativas realizadas por simpatizantes do ex-presidente que buscavam desqualificar as vacinas, apontando-as como inseguras, ineficazes e perigosas.

Bolsonaro, desde o início da pandemia, trouxe às suas aparições públicas que não acreditava na periculosidade do Coronavírus. Por conseguinte, quando as vacinas contra a doença estavam em fase final para distribuição, o ex-presidente fez diversos discursos públicos alegando que não confiava nos imunizantes.

Em contrapartida, o atual presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva observou em sua candidatura para as eleições de 2022 que o impacto causado pela pandemia, em conjunto aos déficits da política de saúde pública do governo Bolsonaro durante o período pandêmico poderiam ser fatores cruciais para a conquista de um eleitorado que ainda encontrava-se dividido entre os pólos da política brasileira. Lula

utilizou-se de suas redes sociais para demonstrar apoio à ciência, às vacinas e aos órgãos de saúde internacionais, ganhando a atenção e apoio de líderes mundiais.

Bachur (2021) faz um adendo ao compreender que a polarização não é algo que surge por conta das redes sociais, porém, acredita-se que essas ferramentas de comunicação digitais possuem funcionalidades que fazem com que haja maior alcance e impacto das informações – ou desinformações – recebidas pelos usuários dessas redes.

5. CONCLUSÃO

Em termos conclusivos, nosso experimento visou demonstrar que o mapeamento dos posicionamentos presentes nos *tweets* de maior viralidade analisados aparece como uma amostra de uma dimensão ainda maior que é o ambiente digital, de modo a compreender como a emissão de opinião no espaço virtual é reflexo do comportamento da sociedade brasileira no plano concreto.

A predominância do discurso anti-vacina no ambiente virtual do *Twitter* possibilita o entendimento dos desdobramentos das *fake news* no ambiente fora do virtual, que culminaram em uma baixa adesão à vacinação, tornando o Brasil um ambiente propício para a possibilidade da volta de doenças já consideradas extintas, como a poliomielite – como observado pelo médico sanitário Drauzio Varella (FANTÁSTICO, 2022).

Por fim, a opinião expressa em redes sociais pode ser considerada como um referencial válido para o monitoramento da vida política por parte dos órgãos e instituições governamentais (XAVIER et. al, 2020), que partindo do estudo dessas ferramentas digitais possibilita a tomada de decisão e a implementação de medidas que visem combater a desinformação para que haja efetividade nas políticas de saúde coletiva e bem estar social.

REFERÊNCIAS

BACHUR, J. P. **Desinformação Política, Mídias Digitais e Democracia: Como e Por Que as Fake News Funcionam?** Assunto Especial, RDP, Brasília, Volume 18, n. 99, 436-469, 2021.

BELLO, A. **Polarização política dinâmica: evidências do Brasil.** Revista Opinião Pública,

Campinas, vol. 29, no 1, p. 42-68, jan.-abr., 2023.

BEZERRA, L.S.; GIBERTONI, D. **As Mídias Sociais Durante a Pandemia do Covid-19: Análise comportamental dos usuários durante este período e as possibilidades para o futuro.** Revista Interface Tecnológica - v. 18 n. 2, pp. 144-156,. Fatec Taquaritinga, São Paulo, 2021.

DURKHEIM, E. **Fato social e divisão do trabalho.** Apresentação e comentários: Ricardo Musse. São Paulo, Editora Ática, 2011.

FANTÁSTICO. **Com baixa adesão à vacinação contra a poliomielite, Brasil vive risco de voltar a ter casos da doença, alerta Drauzio Varella.** Portal G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/quadros/drauzio-varella/noticia/2022/09/25/com-baixa-adesao-a-vacinacao-contr-a-poliomielite-brasil-vive-risco-de-voltar-a-ter-casos-da-doenca-alerta-drauzio-varella.ghtml>. Acesso em: 15 de Julho de 2023.

GUIMARÃES, A. M.; ALEIXO, L. S.; COSTA, M. S. A. **Redes sociais: influências na construção da identidade dos adolescentes.** Revista Doctum, 2020.

LIU, B. **Sentiment Analysis and Opinion Mining.** Morgan and Claypool Publishers, N. May, 2012.

MALINI, F. et al. **Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais.** Goiás, Revista UFG, v.20, 2020.

MARS, Amanda. **Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?** El País, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html . Acesso em: 29 de Junho de 2023.

NASCIMENTO, P.; OSIEK, B. A.; XEXÉO, G. **Análise de sentimento de tweets com foco em notícias.** Revista Eletrônica de Sistemas de Informação, v. 14, n. 2, mai-ago 2015.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software,** 2005.

PANG, B.; LEE, L. **Opinion mining and sentiment analysis, Foundation and Trends in Information Retrieval,** v. 2, n. 1-2, p. 1-135, 2008.

ROCHA, C. M. V. **Comunicação social e vacinação.** História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2): 795-806, 2003.

XAVIER, F. et. al. **Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19.** Estudos Avançados, 34 (99), p. 261-281, 2020.